

R.S.I.: EQUIVALÊNCIAS E DIFERENÇAS¹

Jacques Laberge²

Na obra de Lacan, a diferença começa marcando os registros em sua articulação inspirada na ordem dada pelo texto de 1953 O simbólico, o imaginário e o real que se refere ao confronto destes três registros (...) muito distintos. É somente depois de definir, em 1965, o real como “impossível da relação sexual” que Lacan, não somente deixará de dizer algo do tipo “*Do real? Vou falar na próxima vez!*”, mas, sobretudo, recorrerá à escrita do nó borromeu que abre a questão da equivalência dos registros. Mais adiante em R.S.I., ele afirma: *não somente o Real pode se suportar de uma escritura, mais não há outra, outra ideia sensível do Real* (22,17-12-74).

Escrita e Significante

A temática da escrita domina o Seminário 20, *Mais ainda (Encore)*. Ali podemos reconhecer contribuições de vários momentos anteriores de Lacan: A instância da letra no inconsciente, a insistência sobre o traço unário que reaparecerá depois na figura da reta infinita, esta descrita em R.S.I., como fazendo barra no nível da própria imaginação (22,13-5-75), a escrita dos quatro discursos por meio de suas letras, associadas às outras, o phi e o S de A barrado. Além da escrita dos matemas da sexualização, surge como decisiva no Seminário 20 e nos seguintes a definição de contingente, de necessário, de possível e de impossível em função do verbo escrever. A escrita elabora e aperfeiçoa o significante (20,37), esta afirmação do Mais Ainda (Encore) nos mostra como a própria escrita representa eminentemente o título deste Seminário, por ter como que uma função suplementar em relação ao significante. O nó borromeu significaria um passo a mais enquanto muda completamente o sentido da escrita (...) mostra que há algo a que se pode pendurar (accrocher) significantes (...) por

¹ Reunião Lacanoamericana de Psicanálise de Recife, Rosario, Argentina, julho de 1999.

² Psicanalista, membro de Interseção Psicanalítica do Brasil/DF. E-Mail: jacqueslaberge1@gmail.com.

meio (...) da dit-mensão, da menção do dito, conforme comenta Lacan em *Le Sinthome* (23,11-5-76).

Matemática e Equivalências

O mais conhecido dos aspectos de equivalência provém da frase basta que uma não se sustente para que todas as outras se dispersem. Aplicada às cordas do nó borromeu, esta frase provém, de fato, do uso da letra na linguagem matemática (20,116). Se o significante se coloca tendo nenhuma relação com o significado (20,32), se o significante é desprovido de sentido (22,17-12-74), recebe um reforço da letra que aperfeiçoa e elabora o significante. Desde 1956 em *A instância da letra*, o lógico-positivismo com sua procura do sentido do sentido é questionado por Lacan que privilegia os algoritmos matemáticos, estes sem nenhum sentido (E. 498). Letras não querem dizer nada (21,12-2-74), lemos no Seminário *Os não tolos erram (Les non-dupes errent)*. É ali que Lacan introduz suas últimas letras, R.S.I. Por que as letras? Para solapar qualquer tipo de substantificação dos registros, para fazer abstração da consistência como tal, lemos em R.S.I. (22,14-1-75).

Por que esta mudança em relação à ordem, consagrada no título de 1953, O simbólico, o Imaginário e o Real e que vai atravessar toda a obra de Lacan e até conviver com as letras e a sequência R.S.I.? Colocado em primeiro lugar, o R viria sublinhar a radicalidade do “real do nó” e também destacar que, na escrita do nó, o laço do real sobrepassa por duas vezes o laço do simbólico, além de lembrar que devemos partir deste fato fundamental do “impossível do *rapport* sexual”, quando o simbólico, com sua linguagem e seu meio-dizer da verdade, desempenha, neste aspecto, uma função de suplência. Mas Lacan comenta que a respeito da linguagem, não disse que ela vinha tapar um buraco, constituído pelo não-*rapport* (...) do sexual, pois este não-*rapport* é suspenso somente a ela. (...).

É isso em que se inscreve este não-*rapport* (22,17-12-74). A linguagem, o simbólico tem uma anterioridade lógica sobre o real. Afinal, a psicanálise começa pelo reconhecimento que, partindo da fala, há simbólico, há recalque, há recalque do falo, “enigmático em suas ausências”, obstáculo ao *rapport* sexual. É dali que ex-siste o real como o impossível do *rapport* sexual.

Quando introduz suas últimas letras, R. S. I., em fins de 73, Lacan afirma que estas três dimensões (...) se pode fazê-las estritamente equivalentes e que o são como dimensão do nosso espaço habitado enquanto ser falante (...). E temos o truque: designa-se as por letras. Segundo Lacan, as três letras R.S.I. podem ser substituídas por a, b, c, qualquer uma valendo qualquer outra das letras. Servindo à equivalência dos registros, as letras viriam corrigir nosso erro: Vocês entenderam, mas erradamente (...) a importância esmagadora do simbólico (21,13-12-73). De fato, é o próprio Lacan que nos induziu a este erro. O que sobrar de esta importância agora repartida entre os três? A anterioridade lógica do simbólico indicada nos primeiros Seminários e reencontrada na frase do R.S.I.: é do equívoco fundamental ao (...) simbólico que vocês sempre operam (22,10-12-74).

Ali, Lacan fala de equivalência destas unidades e remete ao um, ao cada um dos três registros. Utiliza várias vezes o verbo homogeneizar (22,11-2-75; 18-3-75) e se refere aos círculos, todos três equivalentes (...) constituídos de algo que se reproduz nos três (...) consistência (...) buraco (...) ex-sistência (23,16-12-76). Embora afirme que a consistência do imaginário é equivalente àquela do simbólico como àquela do Real (22,11-2-75), Lacan não deixa de falar de consistências enquanto são diferentes (22,18-3-75).

Em *Le Sinthome*, lemos uma afirmação nova e curiosa que dá à questão equivalência-diferença real destaque: quando há equivalência, é bem nisto que não há *rapport* (...) um fracasso (ratage) do nó a três, este fracasso é estritamente equivalente (...) nos dois sexos (...) os dois sexos são equivalentes. Mas se a falha é reparada no lugar mesmo, os dois sexos, (...) não são mais equivalentes (...). É na medida em que há *sinthome* que não há equivalência sexual, isto é, há *rapport*. Pois é claro que se dissemos que o não-*rapport* provém da equivalência, é na medida em que não há equivalência que se estrutura o *rapport*. Há então ao mesmo tempo *rapport* e não-*rapport*. Com a pequena diferença que ali onde há *rapport*, é na medida em que há *sinthome*. Isto é, como disse, é do *sinthome* que é suportado o outro sexo (...). Se uma mulher é um sintoma para qualquer homem (...) pode-se dizer que o homem é para uma mulher tudo o que lhes apraz, seja uma aflição, pior do que um *sinthome*, (...) até um estrago (ravage) (23,17-2-76).

Lacan passa da equivalência dos registros à equivalência no fracasso da relação sexual tanto da parte de uma mulher quanto da parte do homem. Ele não diz

simplesmente que com o conserto operado pelo quarto nó, há *rapport*. Diz que há *rapport* e não-*rapport*. E que tipo de *rapport* há entre uma mulher e o homem, que tipo de *rapport* entre um “sinthome”, e a “aflição” ou o “estrago”? De afligir ou de estragar o sinthome? O que há de certo, é que o impossível do *rapport* sexual, frase que, desde 1965, Lacan não deixa de repetir, se fundamenta no fato que recalcado é o falo, obstáculo ao *rapport* sexual. Em *Le Sinthome*, um mês depois de afirmar “há *rapport*, não há *rapport*”, Lacan retoma seu refrão habitual: Tento lhes passar um pedaço de real (...) e digo que não há *rapport* sexual (23,16-3-76). E dois anos depois, em Momento de concluir, declara: não há *rapport* sexual, é o fundamento da psicanálise (25,11-4-78).

Sentido e Diferenças

Lacan sempre questionou o sentido do sentido (o Outro do Outro) promovido pela filosofia, pela ontologia e sua primazia do ser, pela história e pela religião. Tudo o que havia sido feito de filosofia transbordava o *rapport* sexual (22,18-3-75). O sentido em direção ao *rapport* sexual se torna sem sentido pela interferência do falo. Assim como o movimento de uma sessão de análise, seu sentido em direção ao amor do sujeito suposto saber esbarra no corte representado pelo surgimento do significante. Este sentido se reduz ao não sentido do *rapport* sexual, lemos em *Télévision* (18). E *R.S.I.* mostra o equívoco do simbólico servindo para reduzir o sentido sustentado pelo Imaginário associado à debilidade mental (22,10-12-74). Entendo a expressão “sentido do sentido” na clínica analítica como o peso do próprio gozo no sofrimento.

Lacan opõe “equivalências” a “diferenças”, que articula à questão do sentido. Estes três termos Real, Simbólico e Imaginário tem um sentido. São três sentidos diferentes (...). O que diferencia (...) (os) círculos de barbante, o que diferencia um dos outros, nada senão o sentido (22,10-12-74). É a partir dele que se definem os termos Real, Simbólico e Imaginário. (...) uso da distância de sentido (*écart de sens*) que é permitido entre *R.S.I.*, como individualizando estes três círculos, os especificando como tais (22,17-12-74).

A “distância de sentido” vem diferenciar, individualizar cada registro. Por outro lado, o significante é desprovido de sentido (...) e não deixa de ser verdade que é somente apagando todo sentido que a ex-sistência se define (22,17-12-74). E até a consistência será, em *Le Sinthome*, descrita como a forma mais desprovida de sentido

(23,9-3-76). Cada um dos registros tem sua maneira diferente de lidar com a questão equivalente do desprovimento do sentido. No nó borromeu a três, se se destaca a equivalência, esta deve conviver com a diferença dos registros que, diz Lacan, A título de ex-sistência, são, cada um, distintos (22,17-12-74). Uma outra maneira (...) de diferenciá-los, seria colori-los (22,18-3-75). Não devemos deixar de destacar também que a triplicidade do nó, do R.S.I., se desdobra em outra triplicidade que afinal realça diferenças, do sentido, do gozo fálico e do gozo do Outro. Deste último, se trata do genitivo, não subjetivo mas objetivo (22, 11-2-75) não o Outro do significante, mas o Outro do corpo, o Outro do outro sexo (22,17-12-74), neste lugar chamado o verdadeiro buraco, onde não há Outro do Outro (23,13-4-76).

Equivalência do buraco, diferença dos buracos: no nível do imaginário, o eu que na representação faz buraco (...). Este buraco do real, designa-se de vida (...) e é na morte que se encontra a função do simbólico (22,17-12-74). Equivalência do buraco, diferenças dos buracos. Equivalência da ex-sistência, diferença das ex-sistências. Equivalência da consistência, diferença das consistências. A equivalência sublinha o singular. A diferença destaca o plural.

Os Nomes do Pai: Nomeando, diferenciam

Em 11 de março de 75, às letras R.S.I. supondo uma equivalência, Lacan opõe a fala: se as falo como Real, Simbólico e Imaginário, isso toma sentido (...) o próprio do sentido é que ali se nomeia algo. Parte da fala e de seu “efeito de sentido”, expressão muito usada nestes Seminários e que se contrapõe ao sentido do sentido, este tão presente no gozo do sofrimento do analisante. A própria experiência de análise promove justamente a passagem da posição do sentido do sentido para os efeitos de sentido.

Lacan lembra que, em Freud, com seu complexo de Édipo fazendo função do quarto nó, tudo gira em redor do Nome-do-Pai (...). Os Nomes do Pai, é isso: o Simbólico, o Imaginário e o Real (...) Os nomes primeiros enquanto nomeiam algo (...). O Nome-do-Pai, isso não é nada outro do que este nó, não há outro meio de fazer do que suportá-lo desanodado (...). Reduzo o Nome-do-Pai à sua função radical de dar um nome às coisas (22,11-3-75). A necessidade de um quarto termo (...). Sem o quarto, nada é propriamente falando posto em evidência (...) do que é verdadeiramente o nó borromeu (22,13-5-75). Em seu livro Os Nomes do Pai em Jacques Lacan, Porge nos

lembra que a partir do quarto nó, a equivalência entre os anéis cessa e se pode diferenciar R S e I conforme suas combinações em duplas (174).

Com o surgimento do quarto nó, Nome-do-Pai que, de nomeado se torna nomeante e que com seu “sou o que sou” se nomeia sem se nomear, ocorre uma nova volta sobre a relação fala-escrita. No *Seminário 20, Mais ainda (Encore)*, a escrita e a letra se apresentam como elaborando, aperfeiçoando o significante, no questionamento ao sentido do sentido, surgindo a equivalência dos registros, radicalizada no *Seminário 21* pela introdução das últimas letras, R.S.I. No *Seminário 22* em que o título R.S.I. domina a cena, ocorre como que uma reviravolta: as letras não dão “a última palavra”. Se as falo como Real, Simbólico e Imaginário (...) ali se nomeia algo (22,11-3-75). A nomeação se revela o mais um em relação à escrita. No quarto nó, o complexo de Édipo de Freud volta à cena, restaurado como Nome-do-Pai nomeador, a equivalência deixando o lugar à diferença dos registros, não somente diferença, mas diferença nomeada: nomeação do Imaginário como inibição, nomeação do Real como (...) angústia, nomeação do Simbólico (...) sob a forma do Sintoma (22,13-5-75). Nomeação que o seminário seguinte, *Le Sinthome*, vai ilustrar: Chamo as coisas de que se trata por seu nome Simbólico, Imaginário e Real. Na boa ordem (23,16-3-76), isso em oposição ao mando do real, impossível, porque marcado pela ausência de lei e de ordem (23,13-4-76). R.S.I. e suas equivalências deixam o lugar ao nomeado que diferencia: o Simbólico, o Imaginário e o Real, a nomeação tendo um efeito de barra, de limite de um registro em relação ao outro. O quarto nó vem suspender a posição da escrita em seu papel de aperfeiçoamento do significante, a nomeação falada abrindo para um novo efeito de escrita.

NOTAS: (As citações são minhas traduções dos textos em francês)

LACAN, Jacques. L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud, 1957- Écrits, Paris, Seuil, 1966;

_____. Encore, 1972-73 (*Séminaire 20*), Paris, Seuil, 1975;

_____. Télévision, 1973, Paris, Seuil, 1974.

_____. Les non-dupes errent, 1973-74 (*Séminaire 21*) , inédito.

_____. R.S.I., 1974-75, (*Séminaire 22*) , inédito.

_____. Le Sinthome, 1975-76, (*Séminaire 23*), inédito.

_____. Le moment de conclure, 1977-78, (*Séminaire 25*), inédito.

PORGE, Erik. *Les noms du père chez Jacques Lacan*, Toulouse, Erès, 1997.